

**“Por que nós temos que sustentar essas pessoas?”:
nacionalismo e transnacionalismo nos tensionamentos
da nova economia globalizada**

**“Why do we have to support these people?”:
nationalism and transnationalism in the tensions of the
new globalized economy**

Daniela Moro¹

Bruna Silva dos Santos²

RESUMO: Este trabalho propõe sistematizar as relações entre linguagem, identidade nacional e transnacionalismo a partir de um estudo de caso entre imigrantes de diferentes momentos históricos. A materialidade analisada é: (1) as falas de dois vereadores da cidade em uma rádio local sobre a chegada de imigrantes no período da pandemia e (2) a pichação de dois muros da cidade com frases assinalando moradores como (neo)nazistas, neoliberais e genocidas. Essa materialidade indica que os conflitos são estabelecidos a partir de discursos de legitimação nacionalistas e mercadológicos dentro do capitalismo recente, tendo a racialização como principal eixo de diferenciação.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade nacional; imigrações; racialização.

ABSTRACT: This work proposes to systematize the relationships between language, national identity and transnationalism based on a case between immigrants of different historical moments. The materiality analyzed in the case is: (1) the speech of two city councilors on a local radio about the arrival of migrants during the pandemic and (2) the graffiti on two city walls with phrases designating residents as (neo) Nazis, neoliberals and genocids. This materiality indicates that conflicts are established based on nationalist and market-based legitimization discourses within recent capitalism, with racialization as the main axis of differentiation.

KEYWORDS: National identity; immigrations; racialization.

^{1*} Mestranda em Linguística Aplicada na UFRGS. E-mail: danielasteffenmoro@gmail.com. ORCID: 0000-0003-2968-8980

^{2*} Mestranda em Linguística Aplicada na UFRGS. E-mail: brunacortezi.bc@gmail.com. ORCID: 0000-0002-5719-6871

1 Notas introdutórias

Este trabalho está inserido na discussão sobre a função central da linguagem em suas articulações com a nova economia globalizada e o capitalismo recente, especificamente em sua relação com a ideia de nacionalismo. Nesta discussão, a globalização tem tornado ainda mais complexa a concepção e sustentação do Estado-nação (HELLER; DUCHÊNE, 2012; HELLER; MCELHINNY, 2017; PARK; WEE, 2017) e a proeminência de agentes internacionais, corporações transnacionais e fluxos migratórios, cada vez mais esparsos, trazem para a discussão o que De fina e Perrino (2013) e Park e Wee (2017) identificam como fenômeno do transnacionalismo. Para os autores, as tensões resultantes do regime do Estado-nação dão origem a novas ideologias nas quais a linguagem desempenha um papel particularmente central, não apenas por seu lugar na regulação e legitimação do Estado e da economia, mas também pela crescente demanda do setor terciário como um elemento importante da nova economia globalizada.

Nesse sentido, o transnacionalismo parece prenunciar “uma era de pós-nacionalismo” (PARK; WEE, 2017, p. 50)³ na qual o Estado (governo com soberania sobre uma população e território) ainda pode permanecer relevante, mas a ideia de nação (população que compartilha características comuns de etnia, costumes, memória histórica, entre outros) se mantém de modo menos evidente. O papel da linguagem nesse processo fornece um terreno de disputas que tem chamado a atenção dos estudiosos da área. Na esteira desse debate, Park e Wee (2017) alertam linguistas aplicados e sociolinguistas que investigam a interseção entre imigração e linguagem, ao questionarem: “os laços essencialistas entre língua e identidade nacional estão necessariamente sendo enfraquecidos? Ou essas visões essencialistas da linguagem continuam a moldar a maneira como entendemos a nós mesmos e nosso senso de pertencimento?” (PARK; WEE, 2017, p. 50).

Para ajudar a responder a essas perguntas, propomos explorar as relações entre linguagem, identidade nacional e transnacionalismo a partir de um caso

³ A tradução das citações foi feita pelas autoras para fins deste trabalho.

entre diferentes gerações de imigrantes em que os laços entre língua e identidade nacional não só parecem estar enfraquecidos como não aparecem na discussão produzida pelos imigrantes. Nesse cenário, outro elemento parece ser fundamental para a compreensão da dinâmica entre linguagem e identidade: a racialização decorrente da branquitude e seus desdobramentos. Conforme apontam Park e Wee (2017), embora se possa argumentar que processos semelhantes teriam ocorrido em épocas anteriores e, portanto, essa complexa relação entre linguagem e Estado-nação não é necessariamente nova, as imigrações contemporâneas trazem novas camadas ao evidenciarem como a reflexividade e a consciência da vida em outros lugares trazidas pela globalização e pelas conexões transnacionais proporcionam um novo terreno para que a contestação de ideologias aconteça.

A complexidade está no fato de que falantes descendentes de europeus⁴ possuem um repertório linguístico multifacetado (FONSECA, 2021), entendendo que o termo multifacetado “demonstra servir melhor ao propósito de designar repertórios em construção, num entendimento de que são variados e não incompletos” (p. 381), que acaba aproximando-os linguisticamente dos imigrantes contemporâneos, os quais também possuem o mesmo repertório linguístico multifacetado. O eixo de diferenciação entre os dois grupos, nesse caso, não parece ser a língua, mas a raça (FLORES; ROSA, 2015; DIANGELO, 2018; Hooks, 2021). As ideologias de linguagem que evocam a língua portuguesa do Estado-nação brasileiro como discurso de legitimação de quem é brasileiro em detrimento de quem não é são pouco explícitas. Por outro lado, no caso estudado aqui, a racialiação parece circular naturalmente entre as pessoas brancas, sugerindo um posicionamento hierárquico dentro das concepções de nação⁵.

⁴ Neste trabalho, usamos o termo “descendentes de europeus” para nos referirmos aos falantes descendentes de imigração histórica originada na Europa que compõem a maior parte da população da comunidade investigada. Assim, as línguas encontradas no contexto da investigação fazem parte do repertório de pessoas brancas cujos antepassados, em sua maioria, são originários dos territórios hoje de soberania dos Estados nacionais da Itália e da Alemanha.

⁵ Para conhecer mais sobre a colonização e racialização no oeste catarinense, ler Renk (2014). Sobre o apagamento dos povos negros em Santa Catarina, ler Leite (1991). Sobre branquitude no oeste catarinense, especificamente com imigrantes haitianos, ler Soares e Andreola (2017). Sobre os povos indígenas em Santa Catarina, ler Brighenti (2012a).

A materialidade a ser analisada no caso é: (1) as falas de dois vereadores da cidade em uma rádio local sobre a chegada dos novos imigrantes⁶ no período da pandemia e (2) a pichação de dois muros da cidade com frases assinalando moradores como (neo)nazistas, neoliberais e genocidas. Essa materialidade indica que os conflitos e contradições são estabelecidos a partir de discursos de legitimação nacionalistas e mercadológicos dentro do capitalismo recente, tendo a racialização como principal eixo de diferenciação.

Para desenvolver o estudo de caso, apresentamos, na próxima seção, uma discussão sobre nacionalismo e transnacionalismo na nova economia globalizada; na seção três, discorremos sobre ideologias de linguagem e repertórios linguísticos; na seção quatro, tecemos reflexões sobre a branquitude e sobre as ideologias raciolinguísticas; na seção cinco, apresentamos o contexto em que foram encontradas as materialidades da pesquisa; nas seções seis e sete, trazemos uma análise dessas materialidades e, por último, compartilhamos algumas considerações finais.

2 Nacionalismo e transnacionalismo na nova economia globalizada

A ideia de um Estado com jurisdição sobre um território e sua população, a partir do século XVIII, tornou-se um poderoso ponto de referência para a compreensão geral que as pessoas têm sobre o mundo e sobre suas próprias identidades (PARK; WEE, 2017). As pessoas pertencentes à concepção de Estado passaram a ser reconhecidas como cidadãs com direitos iguais, compartilhando uma mesma cultura e história. O território no qual o Estado exerce sua jurisdição passou a ser intransferível, e uma série de políticas foram estabelecidas para que os indivíduos conseguissem se deslocar de um território a outro. A junção entre as entidades de governança política (do Estado) e cultural (da nação) culminaram no Estado-nação, mecanismo pelo qual a ideia de nacionalismo passou a exercer

⁶ Neste trabalho, usamos o termo “novos imigrantes” para nos referirmos aos novos contingentes de imigrantes que chegaram em Santa Catarina na última década, oriundos em sua maioria da Venezuela, Haiti e Síria (ALESC, 2020). As línguas encontradas no contexto da investigação fazem parte do repertório de pessoas vindas desses países.

força na organização social do mundo. Dessa forma, o Estado-nação pode ser compreendido como “um território soberano demarcado que é ocupado e está sob governança política pela representação de um único grupo cultural” (PARK; WEE, 2017, p. 48). Ou seja, um lugar delimitado pela jurisdição de um grupo governamental e que compartilha sentimentos de unidade linguística, cultural e histórica entre as pessoas que nele habitam.

A linguagem desempenhou um papel importante no estabelecimento dos Estados-nação. Heller e McElhinny (2017) apontam dois processos da construção do Estado-nação em que a linguagem foi fundamental. O primeiro é que, para o Estado funcionar administrativamente, era importante desenvolver a já emergente burocracia. Para que a burocracia funcionasse, era preciso padronizar os mecanismos de regulação e, a partir da regulação, os modos de pensar e agir dos cidadãos do Estado-nação. O segundo processo tem a ver com o problema de legitimação do conjunto desigual de relações entre as pessoas. De acordo com Heller e McElhinny (2017), uma vez que a ideia de nação se consolidou, tornou-se necessário construir histórias e práticas culturais compartilhadas em espaços específicos e com continuidade ao longo do tempo. Para as autoras, a ideia de que as nações sejam entidades naturais “serve também para apagar a sua construção e para legitimar as suas reivindicações: se são entidades orgânicas, não é possível contestar a sua existência” (HELLER; MCELHINNY, 2017, p. 101). Do mesmo modo, Park e Wee (2017, p. 48) concebem o nacionalismo, de modo geral, como um movimento ideologicamente orientado que tenta minimizar ou apagar várias diferenças, sejam elas linguísticas, étnicas ou culturais, em favor de enfatizar a ideia de um destino compartilhado entre os indivíduos.

A globalização torna ainda mais complexa a concepção e sustentação do Estado-nação. De Fina e Perrino (2013, p. 509) afirmam que a globalização envolve centralmente o fluxo sem precedentes de pessoas, mercadorias e dinheiro, além de discursos, imagens e símbolos que marcam profundas mudanças nas tecnologias de comunicação. A proeminência crescente de atores como agências internacionais e corporações transnacionais, além da apropriação de discursos nacionalistas por minorias étnicas, problematizam o nexos entre nação e Estado (PARK; WEE, 2017). Assim, o transnacionalismo surge como fenômeno que agrega complexidades para a ideia de Estado-nação, podendo ser

compreendido como “as conexões através das fronteiras nacionais que são facilitadas pelos fluxos transfronteiriços de pessoas, produtos e ideias” (PARK; WEE, 2017, p. 49). Seguindo as mesmas reflexões, De Fina e Perrino (2013) definiram o fenômeno como

um produto direto da globalização na medida em que economias globalizadas determinam novas interações entre centros e periferias [...], empurrando massas de pessoas que se tornam redundantes em seus próprios países ou estão tentando encontrar oportunidades de trabalho em novos destinos. (DE FINA; PERRINO, 2013, p. 510).

Entretanto, o transnacionalismo não é apenas relevante em relação aos fluxos migratórios que se deslocam fisicamente para novos destinos. Ele também é um fenômeno que se caracteriza através de pessoas que não estão necessariamente em deslocamento. O desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) permite que as pessoas mantenham contato umas com as outras sem precisarem se deslocar. As TICs são extremamente poderosas na formação de laços transnacionais como comunidades virtuais de diferentes redes midiáticas. Para De Fina e Perrino (2013), “estas mudanças tiveram um impacto profundo na forma como as identidades são construídas, negociadas e vividas dentro (mas também fora) das comunidades transnacionais” (DE FINA; PERRINO, 2013, p. 510).

À vista disso, parece que os limites dos regimes linguísticos nacionais estão sendo estreitados. Para Heller e Duchêne (2012), as tensões ligadas à dificuldade de manutenção do antigo regime nacional são evidentes, embora, segundo os autores, não esteja claro o que pode ser feito. No rastro desta discussão, para buscar compreender como a linguagem opera no capitalismo recente, na próxima seção, discorreremos sobre as ideologias de linguagem e os repertórios linguísticos que alicerçam a compreensão do caso dessa pesquisa.

3 Ideologias de linguagem e repertórios linguísticos

A linguagem tem sido entendida, entre outras coisas, como um sistema autônomo, ou processo cognitivo, ou ainda como prática social. Foi explicada como localizada no cérebro, na alma, na natureza e no divino; como uma propriedade de si mesma, do Estado-nação, do ser humano, do universo (HELLER; MCELHINNY, 2017). Logo, existem motivos pelos quais essas concepções sobre linguagem são compartilhadas em lugares e tempos específicos. Esses motivos estão conectados com nossos valores compartilhados e com os nossos modos de organização social.

Como mencionado anteriormente, as ideologias de linguagem estiveram envolvidas na construção da ideia de nação. O Estado-nação foi marcado pela conjuntura de uma língua, uma cultura, uma história e um território e, posteriormente, em outras concepções, como a ideia de repertórios linguísticos (BLOMMAERT; BACKUS, 2013; BLOMMAERT; RAMPTON, 2011). Além de sedimentar a ideia de Estado-nação, o trabalho ideológico da linguagem funciona para compartilhar e promover a diferenciação. Essas dinâmicas mostram a importância de observar e compreender as ideologias de linguagem operantes para conhecer as complexidades envolvidas e visualizar os interesses, as motivações e os agentes sociais que jogam e estão em jogo nesse terreno de disputas. Nesse sentido, “a linguagem no capitalismo recente continua sendo um terreno difícil, com altos riscos para um número crescente de jogadores” (HELLER; DUCHÊNE, 2012, p 19).

Na definição inicial de Irvine e Gal (2000, p. 35), as ideologias de linguagem são conjuntos de “ideias mediante as quais participantes e observadores enquadram seus entendimentos acerca das variedades linguísticas e depois mapeiam esses entendimentos sobre as pessoas, eventos e atividades que lhes são significativas”. Em uma definição mais recente, Irvine (2022, p. 9) incluiu ao conceito de ideologias de linguagem a projeção da autoimagem de cada indivíduo como um tipo de ação social em que os atores criam alianças com outros atores do mesmo grupo, em contraste com outros indivíduos ou grupos. Para a autora, as construções ideológicas não são estáticas, “mas, em vez disso, são formulações que partem de suposições, envolvem processos semióticos e

mobilizam projetos sociais” (p. 9). Para Woolard (2020), as “ideologias de linguagem são representações moral e politicamente carregadas da natureza, estrutura e uso linguageiros em um mundo social” (WOOLARD, 2020, p. 2). Em outras palavras, as ideologias de linguagem são um modo de interpretação social ideologicamente carregado de formas linguageiras que, ao impor um modelo de significado, vem a alterar essas formas constantemente de acordo com os interesses em jogo.

Assim, para os propósitos do estudo de caso dessa pesquisa, é importante trazer para a discussão os entendimentos vigentes sobre línguas minoritárias e repertórios linguísticos. Entendemos que os indivíduos possuem repertórios que são mobilizados na medida em que precisam alcançar seus objetivos comunicativos ao exercer diferentes funções na sociedade. Desse modo, os repertórios vão além de agrupamentos de diferentes línguas que variam seu grau de uso de acordo com a competência dos falantes: eles não incluem somente falantes considerados fluentes, na medida em que todos os diversos graus de competência são somados aos repertórios, inclusive de pessoas que não se consideram ou são consideradas falantes de uma língua. Como explicam Blommaert e Rampton (2011), a noção de repertório linguístico

dispensa suposições *a priori* sobre as ligações entre origens, educação, proficiência e tipos de linguagem, e refere-se ao domínio muito variável (e muitas vezes bastante fragmentária) dos indivíduos de uma pluralidade de estilos, registros e gêneros diferencialmente compartilhados, que são captados (e talvez parcialmente esquecidos) dentro de trajetórias biográficas que se desenvolvem em histórias e topografias reais (pp. 4-5).

Segundo Blommaert e Backus (2013), é fundamental ver os novos ambientes sociais como “caracterizados por um grau extremamente baixo de pressuposição em termos de identidades, padrões de comportamento social e cultural, estrutura social e cultural, normas e expectativas” (p. 13). Para a discussão sobre línguas minoritárias⁷ que interessa a este estudo de caso, a

⁷ Cabe ressaltar que a razão pela qual evocamos o conceito sobre línguas minoritárias diz respeito aos modos pelos quais os itens de repertório linguístico de falantes são trabalhados ideologicamente e resultam em políticas linguísticas. Evitamos, no entanto, nomear línguas minoritárias, usar termos acadêmicos ou de outras esferas sociais particulares, visto que os próprios falantes da região as chamam de “alemão” ou “italiano”; buscamos tratá-las, assim, como itens de repertório linguístico.

compreensão de falantes como agentes sociais de repertórios linguísticos que cumprem diversas funções comunicativas no cotidiano é importante para dar luz ao debate sobre a manutenção de seus repertórios. Assim, a concepção de línguas minoritárias faz relação com os itens de repertórios linguísticos que não gozam de equipamentos estatais, tais como a sua exigência no ensino escolar, na administração do Estado e no requisito para obter cidadania, equipamentos estes que estão a serviço das línguas majoritárias hegemônicas. Portanto, as línguas minoritárias se encontram em condições limiares das estruturas de poder da sociedade.

Desde a concepção moderna dos Estados-nação, há um imaginário social dominante que tem muito claro o que é língua e quem a fala corretamente. Essa construção social e política coloca sobre outras variedades populares uma violência simbólica que é empregada do mesmo modo contra as pessoas que as falam (LAGARES, 2018, p. 123). Em uma sociedade cambiante em novos estágios econômicos e políticos, que envolvem a intensificação do neoliberalismo e da globalização, da desigualdade social e das lutas identitárias, caberia questionar a quem interessa a sobrevivência das línguas minoritárias através da sua execução de todas as funções sociais dentro de um Estado nacional. Seriam os falantes, afinal, quem executariam essas funções? A interesse de quem? Observar o que eles dizem e entender as dinâmicas políticas e econômicas globais pode nos permitir interpretar, a partir das práticas de linguagem, quais são os interesses disputados, por quem, e as razões pelas quais ações políticas, por vezes contraditórias, são tomadas e legitimadas através da linguagem.

4 Linguagem e racialização nas diferentes migrações

Desconstruir a noção de monolinguismo e todas as implicações que essa ideologia de linguagem acarreta não é tarefa fácil. De acordo com Flores e Rosa (2015), encontrar práticas linguísticas que constituem a língua considerada padrão tem sido uma tarefa inútil, já que uma preocupação dos estudiosos da linguagem deveria ser com as maneiras pelas quais o padrão das línguas é produzido como um emblema cultural. Para os autores, “a circulação desse

emblema perpetua as ideologias raciolinguísticas e, assim, contribui para os processos de reprodução e estratificação social” (FLORES; ROSA, 2015, p. 152). Os autores definem as ideologias raciolinguísticas como ideologias que “confundem certos corpos racializados com deficiência linguística não relacionada a quaisquer práticas linguísticas”, isto é, elas “produzem sujeitos falantes racializados que são construídos como desviantes linguísticos” (p. 152). Dessa forma, os sujeitos se mantêm estigmatizados mesmo que sigam falas “normativas ou inovadoras se produzidas por sujeitos brancos privilegiados” (FLORES; ROSA, 2015, p. 150).

No que se refere à educação, enquanto alguns modelos defendem o ensino para alunos falantes de línguas minoritárias a fim de estabelecer as práticas linguísticas do sujeito falante branco, o sujeito ouvinte branco⁸ muitas vezes continua a ouvir marcação e desvio linguístico, independentemente de quão bem os alunos se adaptem à fala dos sujeitos falantes brancos. Para Flores e Rosa (2015), a estigmatização linguística deve ser entendida não somente como oriunda de práticas linguísticas específicas, mas especialmente das percepções que constroem a adequação linguística com base nas posições raciais dos falantes.

No que diz respeito a essa pesquisa, o conceito de raciolinguística é importante para entender as ideologias que permeiam os falantes de línguas minoritárias descendentes de europeus e os novos imigrantes. Embora ambos os lados compartilhem um mesmo repertório linguístico multifacetado (FONSECA, 2021), os falantes descendentes de europeus produzem discursos que os legitimam sobre os novos imigrantes, com dizeres que os identificam como “guerreiros”, “heróis” e “desbravadores” que prestam contas ao Estado. Assim, produzem falas como a do vereador da cidade do presente estudo de caso, trazida no título da pesquisa: “por que nós temos que sustentar essas pessoas?”⁹.

⁸ O termo surgiu da teorização de Inoue (2006) sobre o sujeito ouvinte. A autora diz que o uso da linguagem de determinados grupos (no caso dela, alunas mulheres que estavam começando a participar do contexto educacional do Japão) pode ser sobredeterminado, distorcendo assim as percepções ideológicas e linguísticas dos sujeitos ouvintes (no caso, alunos homens japoneses). O foco nos sujeitos ouvintes ajudou Flores e Rosa (2015) a conceituarem como as práticas linguísticas de determinadas pessoas racializadas podem ser estigmatizadas, independentemente de corresponderem ou não à língua padrão.

⁹ Ver análise na seção 5 desse trabalho.

Os discursos implicam que os eixos de diferenciação, neste caso, são formados pela racialização, e não somente pelas diferenças entre a língua dos descendentes de imigrantes europeus e a língua dos novos imigrantes. Logo, os descendentes de imigrantes europeus usam de seu sentimento de superioridade e de direito para expor sua fragilidade branca quando disparada. Assim, a branquitude surge para eles como uma categoria identitária para manter o controle racial e a proteção das vantagens brancas (DIANGELO, 2012, p. 24).

Diangelo (2018) explica que a supremacia branca moldou um sistema de dominação europeia por todo o globo: dá existência a brancos e a não brancos; pessoas plenas e subpessoas. Conforme aponta a autora, a supremacia branca “influencia a teoria e a psicologia morais brancas e é imposta a não brancos por meio de condicionamento ideológico e violência” (DIANGELO, 2018, p. 54). A autora afirma que a branquitude é ainda mais útil quando sua própria existência é negada e, por isso, ser visto racialmente é um disparador comum da fragilidade branca.

Além das questões raciais que tensionam esse cenário, os novos imigrantes atualmente representam economias que enfrentam dificuldades. Os venezuelanos, por exemplo, que compõem a maior parte dos deslocados a chegarem no Brasil¹⁰ e no estado de Santa Catarina¹¹, carregam consigo ideologias políticas que os relacionam fortemente às quebras de governos comunistas ao redor do mundo. No Brasil, em virtude das eleições federais e estaduais de 2018, as condições econômicas e políticas dos países de origem dos imigrantes importam para entender como a maior parte dos habitantes locais se legitimam em relação aos novos moradores. Assim, em continuidade com a discussão, na próxima seção, apresentaremos o contexto do caso dessa pesquisa, buscando trazer uma visão geral da construção histórica e social da cidade e seus habitantes.

¹⁰ 4,6 milhões de venezuelanos vieram para o Brasil. À frente deles está somente a Síria, com 6,8 milhões de deslocados (ACNUR, 2023).

¹¹ Santa Catarina é o estado que mais acolheu venezuelanos em cinco anos no Brasil, totalizando 24 mil imigrantes entre o fim de 2018 e julho de 2023 (MAYER, 2023).

5 Cidade dos imigrantes, dos frigoríficos, da mão de obra barata e do capitalismo efervescente

A cidade examinada nessa pesquisa será chamada de Bolonha para fins deste estudo de caso. Está localizada no interior do estado de Santa Catarina, na região do Grande Oeste e hoje possui pouco mais de 17 mil habitantes. Fundada em 1954, a cidade foi colonizada por descendentes de italianos e alemães que vieram do Rio Grande do Sul e tem a economia voltada para a agropecuária. Conforme texto do Portal de Turismo da cidade, os “agricultores pobres vindos do Rio Grande do Sul, das regiões próximas a Guaporé, Serafina Corrêa e Casca, vinham a se estabelecer em Nova Milano¹², munidos apenas de suas precárias ferramentas de agricultura, sementes e sonhos de um futuro bom”. Esses sonhos foram semeados e ao longo dos anos seus moradores criaram profundas raízes em Bolonha.

O Portal de Turismo da cidade descreve a região do Grande Oeste como um “convite à prática do ecoturismo e aos amantes das belezas naturais”. Ao destacar os pontos turísticos, além de mencionar as paisagens campeiras, cascatas, estâncias de águas termais, também inclui a “cultura indígena caingangue” como um elemento importante para compor o cenário da região. Entretanto, uma parte da população catarinense está constantemente em conflito com os povos indígenas Caingangue e Laklãnõ-Xokleng. Embora apenas 0,8% do território catarinense seja considerado indígena, agricultores e povos originários entram sucessivamente em processos judiciais por discordarem do entendimento governamental sobre as terras. Em casos mais sérios, grupos não-indígenas decidem quem entra e sai dos terrenos em disputa. É o caso, por exemplo, da região do Alto Vale do Itajaí, onde os avanços nas plantações de eucaliptos por madeireiras têm feito os indígenas terem medo de transitar pelo local onde habitam (PONTES; AMORELLI, 2023). Nesse caso, o governo de Santa Catarina se posicionou ao usar o mecanismo jurídico do marco temporal para não homologar a terra indígena Ibirama-Laklãnõ¹³.

¹² Primeiro nome da cidade. O nome pelo qual hoje é reconhecida foi oficializado em 1944.

¹³ Além das relações dos imigrantes descendentes de europeus e novos imigrantes, também há na região uma relação racializada entre grupos de agricultores descendentes de europeus e os povos

No entanto, os conflitos causados pelos imigrantes descendentes de europeus não se restringem somente aos povos Caingangue e Laklãnõ-Xokleng. Os novos imigrantes compartilham muitos dos casos de preconceito racial e descaso estatal. No entanto, a maior diferença entre os grupos está no fato de que o setor agroindustrial tem como demanda a oferta de empregos que requerem mão de obra barata que, em sua maioria, são preenchidos pelos novos imigrantes para manter o funcionamento dos frigoríficos a todo vapor.

Em Bolonha, o frigorífico que sustenta a economia da cidade é reconhecido como líder mundial na produção de alimentos à base de proteína. O frigorífico, assim como outras grandes empresas de produção de carnes, mantém um funcionamento de produção de alimentos que começa no plantio de grãos para alimentar, em geral, suínos e aves, se estende para a criação de animais para o abate nos frigoríficos e perpassa os trabalhos em chão de fábrica. Em todos os processos, da zona rural à urbana, há o envolvimento dos habitantes de Bolonha para garantir o funcionamento do frigorífico. Essa cadeia de produção enfatiza como o sistema capitalista tem sido bem-sucedido na região ao empregar os moradores, ao permitir que ascendam economicamente e ao aumentar ainda mais o lucro de grandes corporações com o barateamento da mão de obra.

Nos últimos anos, porém, as empresas da região vêm encontrando falta de mão de obra para atender aos trabalhos de baixa qualificação e salário. Devido à atual situação econômica e social do país e às novas condições de trabalho oferecidas pelos frigoríficos, os trabalhadores de Bolonha que estão hoje aposentados ou prestes a se aposentar não querem que seus filhos exerçam as mesmas funções de trabalho. Por conseguinte, a falta de mão de obra barata das cidades da região, em oposição ao crescimento exponencial das empresas, faz com que elas busquem trabalhadores em outros lugares. Assim, os novos imigrantes chegam em Bolonha e região para iniciar uma nova vida com empregos estabelecidos, mas precisam enfrentar outros conflitos causados pela sua vinda.

Caingangue e Laklãnõ-Xokleng. Como o escopo do trabalho é voltado para a relação entre momentos históricos de diferentes imigrações, o contexto trazido serve, para além de exemplo, como modo de suscitar investigações futuras que possam focar nesses grupos.

6 “Essas pessoas são as guerreiras, essas pessoas são os heróis”: nacionalismo e raça nas tensões entre imigrantes

Bolonha sempre foi uma cidade restrita aos habitantes que colonizaram a região e lá criaram suas raízes. Como no início não havia nenhum tipo de desenvolvimento urbano básico, como rede elétrica e água encanada, a vida dos moradores resumia-se ao trabalho duro nas lavouras e as escolas das comunidades que serviam principalmente para ensinar português às crianças falantes de outras línguas. Ao passo que o setor agroindustrial se desenvolvia com a instalação do frigorífico, sujeitos de outros lugares apareciam em Bolonha para trabalhar. Essas pessoas não eram somente novos imigrantes; chegavam também pessoas trazidas da região norte e nordeste do Brasil, além de grupos indígenas. Para o frigorífico, a chegada de novos moradores ajudava a manter seu funcionamento e a oferecer um crescimento exponencial de seus lucros; para os novos habitantes, em um primeiro momento, era uma oportunidade de emprego estável e segurança para que pudessem iniciar suas vidas no sul do Brasil.

Descontentes com as diferentes pessoas que passaram a circular em Bolonha nos últimos anos, um grupo de moradores locais começou a demonstrar suas insatisfações. Alguns eram receosos quanto ao acompanhamento precário do setor administrativo da cidade em relação ao crescimento urbano, já que havia um aumento nos índices de criminalidade e de problemas de habitação, ambos previsíveis em situações de desenvolvimento urbano acelerado. Outros eram enfáticos quanto à sua contrariedade em receber pessoas de outros lugares sem, necessariamente, apontarem problemas tangíveis. Esse último grupo costumava mostrar seu descontentamento frequentemente, por diferentes meios e com discursos que abarcavam questões como pagamento de impostos, falta de esforço no trabalho e desordem. Durante a pandemia de COVID-19, em 2021, um vereador de Bolonha explicitou o incômodo do grupo em uma fala na sessão da câmara de vereadores. A fala causou controvérsia na cidade, visto que o político se referiu aos novos imigrantes como *vagabundos*.

Outro vereador de um partido da oposição, então, emitiu seu posicionamento em outra sessão da câmara de vereadores que foi veiculado pela

rádio da cidade¹⁴. Em um primeiro momento, o político mostrou preocupação em oferecer amparo aos novos imigrantes e brasileiros vindos de outras partes do país.

1. *eu levantei na câmara de vereadores na semana passada:: a minha preocupação com esses imigrantes que vêm de outros países:: que vêm de outros estados que (.) eh:: todo dia tá chegando gente aqui:: e nós precisamos reunir câmara de vereadores entidades assim CDL polícia militar (), enfim*
2. *se:: nós como vereadores temos que:: dar exemplo pra população nós temos que dá:: ajudar essas pessoas enfim todas as entidades, o que que eu quero é que:: reunir todas essas entidades e ajudar essas pessoas pra que lá na frente toda a população () ganhe com isso.*

O vereador justificou sua preocupação a partir das contribuições econômicas que as pessoas vindas de outros lugares podem oferecer à Bolonha:

3. *porque nós temos que dar um amparo a essas pessoas porque essas pessoas precisam trabalhar e o nosso município precisa de pessoas que venham de fora:: porque essas pessoas que gastam no comércio local eh (.) elas querem:: trabalhar*

Para Heller e McElhinny (2017), a maioria dos Estados prefere imigrantes que falam a língua nacional aos que não falam e oferecem o ensino da língua como estratégia essencial para sua integração (HELLER; MCELHINNY, 2017). Em Bolonha, os novos imigrantes parecem incluir-se como pertencentes à ideia de nação dos moradores locais na medida em que oferecem a eles e à cidade contribuições para a economia. Segundo Park e Wee (2017, p. 50), as condições para a cidadania tornaram-se menos dependentes dos sentimentos de lealdade e pertencimento ao Estado-nação, tendo em vista o número crescente de Estados que empregam critérios econômicos ao selecionar potenciais novos cidadãos.

Ao reconhecer a demanda que o frigorífico tem por mão de obra e a

¹⁴ A fala do vereador está disponível no site da rádio em: <https://belosf7.com.br/16-03-2021-terca-feira-2/>. Acesso em: 29 abr. 2023. Começa a partir dos 15 minutos da gravação.

escassez de trabalhadores locais para cumprir essas funções, o vereador menciona as possíveis contribuições dos novos moradores para posicionar-se como favorável a sua chegada e as políticas de assistência que podem ser oferecidas pelo setor público e privado. Ele cita as vantagens para o comércio, setor de Bolonha com forte influência na política local. Ainda que a língua nacional seja considerada como prova de cidadania em diversos países, as línguas faladas pelos imigrantes não são mencionadas na discussão para questionar ou solicitar cidadania. O vereador, no entanto, se contradiz ao mencionar que sua preocupação também diz respeito à procedência dos novos moradores e ao tipo de seleção que está sendo feita para que trabalhem no frigorífico:

1. *Todos (nos reunimos) juntos ter um controle dessas pessoas*
2. *De onde que elas vêm se elas ah (.) que pessoas que elas são. então:: eu acho que esse controle nós temos que ter porque futuramente daqui de dois ou três anos, o jeito que tá indo ah:: nós vamos ter sérios problemas com (1,2) roubos enfim com:: sérios problemas porque (.) vem gente boa mas no meio de de de dessas pessoas também tem gente que vem pra:: pra malandragem e a minha preocupação foi com isso*

Esse questionamento quanto às origens dos novos moradores demonstra que, embora o político pareça em certa medida favorável à chegada dos imigrantes, também compartilha receios e dúvidas quanto às dificuldades que a cidade pode enfrentar ao recebê-los. Nesse caso, os moradores locais que estão descontentes parecem ter como uma das causas de seu descontentamento as origens dos novos moradores. O medo, portanto, parece surgir do desconhecimento e da ignorância em relação aos sujeitos. Os sérios problemas de segurança que o vereador propõe como realidade a médio e longo prazo acabam sendo concebidos como consequência da chegada dos novos imigrantes, o que exclui outros possíveis fatores de criminalidade e tira a responsabilidade dos próprios políticos em lidar com os potenciais problemas.

Ao finalizar a sua fala, o político questiona seu colega de trabalho sobre o termo *vagabundo*, utilizado por ele para se referir aos novos imigrantes. Seu

questionamento, entretanto, parece ter origem no fato de que ele, sua família e outros habitantes locais também se consideram descendentes de imigrantes e, por isso, estariam sendo referidos com o mesmo termo:

3. *Eu levantei essa questão (.) e o vereador, o () vereador () como presidente dessa casa (.) levantando essa questão:: fiz até um certo julgamento que eu acho isso um repúdio (.) eu vejo um repúdio chamando (.) esses imigrantes de vagabundos sabê que:: esses (.) nós famílias (), 80% da nossas família são descendente de imigrantes que vieram de outros países. eu vejo meu bisavô lá atrás eles vieram da Itália então:: e isso afetou essa palavra de vagabundo afetou até a própria nossa descendência (.) nós que moramos aqui imagina as pessoas que vem de fora. eu acho que uma palavra mal colocada que ele se expressou mal (.) chamando essas pessoas de vagabundos porque:: não é isso*

Embora em sua fala seja possível inferir que o político é contrário ao uso do termo para referenciar os novos imigrantes, sua posição pode ser interpretada de diferentes maneiras. Uma delas implica que o vereador se identificou como imigrante também e, por isso, considerou-se insultado a ponto de repudiar o uso do termo. Essa identificação poderia permitir que ele se aproximasse do grupo e desenvolvesse um entendimento sobre a hostilidade sofrida pelos novos moradores. Outra interpretação diz respeito a como o vereador procurou utilizar do seu privilégio para manter uma possível integridade de sua identidade europeia, o que implica um distanciamento ainda maior entre os dois grupos de imigrantes.

Em contrapartida, para explicar-se em relação à polêmica, o vereador que usou o termo *vagabundo* na sessão da câmara de vereadores se manifestou na rádio um dia após o depoimento de seu colega¹⁵. Primeiramente, o político explicou que, ao se referir aos imigrantes, não estava incluindo descendentes de europeus que vivem na região, e que, na verdade, sua interlocução era

¹⁵ A fala do vereador está disponível no site da rádio em: <https://belosf7.com.br/17-03-2021-quarta-feira-2/>. Acesso em: 29 abr. 2023. Começa a partir dos 16 minutos da gravação.

diretamente com os novos imigrantes. Para enfatizar a diferença entre os dois grupos, ele destacou que os habitantes locais ajudaram a fundar Bolonha e possuem uma longa história na região, enquanto os novos imigrantes vieram para causar desordem. Além disso, questionou as assistências oferecidas para os novos moradores, pois acredita que eles não estejam em Bolonha para trabalhar, pretexto que sustenta como fundamental para que eles residam na cidade:

4. *Quando eu me reporte a situação de imigrante (.) imigrante são essas pessoas que estão chegando agora de outros países que:: estão chegando aí (.) no nosso município. não são os imigrantes que estão aqui há 50 60 anos no nosso município. Essas pessoas são as guerreiras essas pessoas são os heróis, essas pessoas que desbravaram o nosso município, essas pessoas dão a vida pro o município de (), essas pessoas não ficam na rua aglomerando fazendo baderna a noite (.) incomodando a população que precisa descansar pra o outro dia trabalhar*
5. *Será que nós população que estamos aqui a vida inteira em () não temos direito a nada? Agora essas pessoas vêm eles querem direito a auxílio moradia querem comida querem imóveis querem tudo para dentro de casa, enquanto tá aí as vagas 60 vagas de emprego abertas no Sine. por que que não vão preencher essas vagas de emprego? Ter um endereço fixo um trabalho pra se sustentar. por que nós temos que sustentar essas pessoas?*
6. *E essas pessoas querem direito a tudo (.) e os deveres dessas pessoas onde é que fica? Onde é que fica os deveres das pessoas?*

Nesses trechos, é possível observar uma forte tensão entre o entendimento de Estado-nação e de nacionalismo do sujeito e a sua visão sobre a chegada de novos imigrantes. Ao compreender o nacionalismo como um movimento ideologicamente favorável à ideia de um destino compartilhado entre os indivíduos (PARK; WEE 2017, p. 48), é possível compreender que as falas do vereador não contemplam os novos imigrantes como possíveis construtores de sua ideia de nação. Pelo contrário, fazem uma distinção entre os descendentes de

imigrantes europeus como já pertencentes à nação - sem lembrar ou conhecer o processo em certa medida semelhante que eles também precisaram experienciar para serem reconhecidos como cidadãos - e os novos imigrantes.

Ademais, o vereador apresenta um tom de ameaça ao acreditar - ou insinuar - que ele e os demais moradores precisariam sustentar os novos imigrantes que, segundo ele, requisitam uma série de demandas governamentais, mas não querem trabalhar. Faz, então, uma associação entre os gastos que os novos moradores possivelmente geram para o Estado e o retorno que considera insuficiente. Essa carência de retorno financeiro é justificada pelo político pelo que ele sugere ser uma falta de interesse no trabalho. Ele, entretanto, não apresenta nenhuma evidência para tais afirmações, o que pode implicar a disseminação de estereótipos e generalizações que, muitas vezes, especialmente em casos que envolvem raça, resultam em sofrimento e violência. Na mesma fala, o vereador explica o uso do termo *vagabundo*:

7. *E quando eu me expressei com a palavra vagabundo (.) eu quero que vocês procurem na internet em qualquer lugar o significado da palavra vagabundo (.) o indivíduo que não tem (.) residência (.) habitual ou que e ::em que emprega a vida em viagens, sem ter um ponto central de negócio. esse é o significado da palavra vagabundo eu não quis ofender ninguém (.) e se eu ofendi alguém eu peço desculpas (.) porque eu sou uma pessoa humilde eu sei pedir desculpas se eu errar, mas eu quero que a população de () me julgue*

Para justificar o uso do termo, ele recorreu ao Artigo 33 da Lei nº 3.071 de 01 de janeiro de 1916¹⁶, que diz: “Ter-se-á por domicílio da pessoa natural, que não tenha residência habitual (art. 33), ou empregue a vida em viagens, sem ponto central de negócios, o lugar onde for encontrada”. Primeiramente, pode-se avaliar a interpretação equivocada do vereador sobre a lei, que em nenhum momento denomina de *vagabundo* qualquer indivíduo que esteja em solo

¹⁶ A lei pode ser acessada em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l3071.htm#:~:text=Ter%2Dse%2D%C3%A1%20por%20domic%C3%ADlio,34. Acesso em 29 abr. 2023

brasileiro em situação de domicílio incerto (ou em nenhuma outra situação). O uso de um termo pejorativo para se referir aos novos imigrantes mostra as diferenças traçadas entre os grupos. Esses traços parecem ser desenhados por questões de identidade étnica e racial. A crítica do olhar branco dos descendentes de imigrantes europeus traz uma perspectiva que os privilegia sobre as práticas linguageiras e culturais dos novos imigrantes que, nesse caso, acabam por formar comunidades racializadas.

Além disso, é possível observar novamente que as tensões demonstradas em seus preconceitos mostram a necessidade de estudos sobre a multiplicidade das experiências transnacionais (DE FINA; PERRINO, 2013) e a importância de conectar essa multiplicidade com os aspectos estruturais da economia global para traçar as concepções mutáveis de linguagem e identidade que estão reconfigurando as bases ideológicas do Estado-nação (PARK, WEE, 2017; HELLER; MCELHINNY, 2017). Cabe ressaltar que a descendência europeia faz parte da construção de ambos os grupos migratórios, já que os novos imigrantes, como venezuelanos e haitianos, também foram colonizados por países europeus e, portanto, compartilham de raízes do Velho Ocidente. Por isso, importa pensar sobre as implicações que as origens alemãs e italianas têm para o entendimento do caso.

Quando as vantagens econômicas ligadas à vinda dos novos imigrantes não são evidentes ou são questionadas, os discursos nacionalistas ganham sustentação em Bolonha; discursos que englobam a raça são mais evidentes para a manutenção do Estado-nação que os possíveis laços entre identidade linguística e nacional. Nesse sentido, as falas em circulação deixam em iminência os riscos de possíveis construções ideológicas que, no passado, se apropriaram de discursos de legitimação nacionalistas e racistas, como é o caso do nazismo alemão e do fascismo italiano. No bojo dessa discussão, na próxima seção, trazemos a análise de uma manifestação ocorrida pouco menos de um mês após as falas dos vereadores. A manifestação dá luz aos riscos do estreitamento entre os ideais de nação e raça.

7 “Fora neoliberais, fora neonazistas”: capitalismo recente e ideais passados

Pouco menos de um mês após as polêmicas em torno das migrações, eis que dois muros da cidade apareceram pichados. Os debates sobre o acolhimento ou rechaço dos novos imigrantes em Bolonha estavam acalorados. Muitos eram os comentários munidos de certezas nas redes sociais, instigados principalmente pelas falas dos dois vereadores. Em meio à pandemia, ao crescente número de mortes pelo vírus e à falta de vacinas, as imigrações eram fonte inesgotável de descontentamento por uma parte dos moradores locais. Cada vez mais frustrados, reivindicavam por uma certa pureza local: Bolonha estava sendo desenhada como a cidade dos descendentes de imigrantes europeus, trabalhadores, honestos e ordenados. Não obstante, o contexto também foi propício para uma contranarrativa até então velada que não desejava reforçar esses discursos.

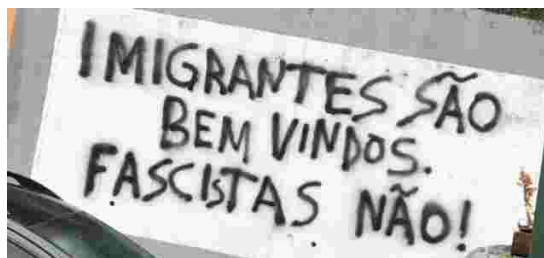
As pichações (Figuras 1, 2 e 3) manifestaram uma posição que logo foi silenciada. O prefeito da cidade à época repintou os muros e apagou os dizeres dias após o ocorrido. Também acionou a polícia para investigar o caso. Não emitiu nota oficial sobre o evento e não refletiu sobre a motivação para tais ações publicamente. A mensagem subentendida era a de que não havia espaço para o questionamento e para a incompatibilidade de ideias. A rádio, principal fonte de informação de notícias da cidade, escreveu uma notícia concisa¹⁷. Desse modo, as escritas logo foram esquecidas pelos descendentes de imigrantes europeus e outros habitantes de Bolonha, já que não fizeram parte de discussões públicas em redes sociais, mídias municipais, manifestações ou debates em espaços educacionais.

Ainda assim, as pichações lembram como os habitantes locais de Bolonha não compartilhavam todos dos mesmos ideais contrários aos novos imigrantes; havia moradores dispostos a defender a diversidade e a não reproduzir preconceitos, associando quem estava do outro lado a grupos extremistas fundados na Itália e Alemanha, países que orgulhavam tanto seus descendentes.

¹⁷ A notícia apresentava imagens dos muros pichados e mencionava a polêmica em torno dos imigrantes que estavam chegando à Bolonha. Por fim, informava que o então prefeito levou o caso à polícia e providenciou a pintura dos muros.

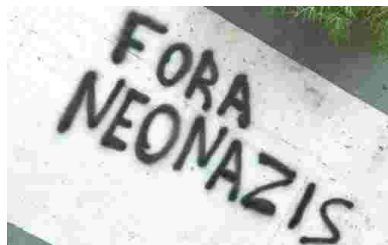
A ironia, embora prontamente apagada, nos lembra que grupos mencionados em discursos de homogeneização possuem particularidades que se manifestam a depender do momento histórico e das dinâmicas sociais em jogo.

Figura 1: pichação em centro esportivo



Fonte: <https://belosf7.com.br/>

Figura 2: referência ao movimento



Fonte: <https://belosf7.com.br/>

Figura 3: pichação próxima a escola



Fonte: <https://belosf7.com.br/>

A manifestação expressa nos muros expôs o resultado dos ideais nacionalistas que estavam crescendo em Bolonha. O fato de que grupos neonazistas brasileiros concentram-se especialmente nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul ajuda a explicar as razões pelas quais Bolonha teve seus muros pichados com tais dizeres. As incorporações de elementos do neonazismo, como o ódio contra negros, homossexuais e imigrantes, por vezes naturalizados na região do Grande Oeste (BRASIL, 2023; SANTA CATARINA, 2021; CORREIO DO POVO, 2023; BORGES, 2023; IGOR, 2022), começaram a causar medo em quem estava do outro lado do conflito e não aceitava os posicionamentos vigentes.

No que diz respeito às diferenças étnicas, Diangelo (2018) nos lembra que o conceito de racismo existe, mas alguém tem de cometê-lo para que ele aconteça, da mesma forma que brancos só podem ser brancos se alguém não o for. Essa

“identidade falsa de superioridade” (DIANGELO, 2018, p. 120) ajuda a explicar por que os imigrantes descendentes de europeus apresentam em sua identidade racial um eixo de diferenciação que os posiciona como superiores nas dinâmicas da nova economia globalizada. Dessa forma, o capitalismo recente continua a criar diferenças entre as pessoas, e, no caso deste estudo, o que passa a operar para produzir diferenciação e estratificação social é a raça.

8 Considerações finais

Analisar a materialidade do caso dessa pesquisa à luz dos debates sobre nacionalismo, transnacionalismo e a nova economia globalizada nos permite observar como a racialização é um elemento importante para entender as novas configurações que acontecem no capitalismo recente. Quando Park e Wee (2017, p. 50) questionam se os laços entre língua e identidade nacional estão sendo enfraquecidos ou se essas visões essencialistas da linguagem continuam a moldar a maneira como entendemos a nós mesmos e nosso senso de pertencimento, pode-se perceber que, nesse caso, as ideologias de língua não são as causas fundamentais que tensionam as relações entre diferentes identidades do Estado-nação; não obstante, as ideologias raciolinguísticas (FLORES; ROSA, 2015) parecem configurar eixos de diferenciação e produzir estratificação social.

A boa aceitação de alguns descendentes de migrantes europeus em receber os novos migrantes relaciona-se, em um primeiro momento, com as possíveis vantagens econômicas que esses novos migrantes podem oferecer à Bolonha. No que diz respeito aos moradores locais que se posicionam com vistas aos movimentos de expansão ou contração econômica do país, seus discursos fundamentam-se em um senso de ameaça e na ignorância sobre o desconhecido. Quando receosos ou inseguros, usam raça para discriminar e para justificar seu posicionamento. A ideia sobre o direito de poder decidir quem entra e quem sai e quem é ou não é cidadão da cidade mantém uma parte da população convicta de sua superioridade e de seu poder de julgamento.

No que se refere às discriminações, Hooks (2021) diz que “muito do processo de conscientização em relação à questão da supremacia branca e do

racismo está voltado a ensinar como o racismo é e como ele se manifesta no dia a dia” (p. 49). Em contrapartida, para uma parte da população que possui privilégios e vantagens, o interesse está ligado à manutenção despercebida e velada de sua supremacia. Se a ideologia de língua ainda é um dos discursos de legitimação dos cidadãos dentro Estado-nação, outros meios mais intensos e velados, como a própria concepção de raça, podem se apresentar como principal resposta em favor da manutenção das relações de poder e privilégios conforme os interesses de alguns grupos em detrimento de outros.

Referências

ALESC. Agência AL. Os novos imigrantes de Santa Catarina. 2020. Disponível em: <<https://agenciaal.alesc.sc.gov.br/index.php/especiais/os-novos-imigrantes-de-santa-catarina>>. Acesso em: 09 jan. 2024.

BLOMMAERT, J.; BACKUS, A. Superdiverse repertoires and the individual. In: de Saint-Georges, I & J-J. Weber, J. J. (orgs.), Multilingualism and multimodality: Current challenges for educational studies. Rotterdam: Sense Publishers, p. 11-32, 2013.

BLOMMAERT, J; RAMPTON, B. (2011). Language and superdiversity. *Diversities*, 13(2), p. 1-22, 2011.

BORGES, R. Operação liderada por SC identifica extremistas com referências ao neonazismo em investigados por discurso de ódio na internet. G1, Santa Catarina, outubro, 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/10/24/operacao-liderada-por-sc-identifica-extremistas-com-referencias-ao-neonazismo-em-investigados-por-discurso-de-odio-na-internet.ghtml>>. Acesso em: 28 dez. 2023.

BRASIL. Procuradoria da República em Santa Catarina. Direitos e violências contra a comunidade LGBTQIA+ foram o foco de debate no MPF em Florianópolis (SC). Outubro, 2023. Disponível em: <<https://www.mpf.mp.br/sc/sala-de-imprensa/noticias-sc/direitos-e-violencias-contra-a-comunidade-lgbtqia-foram-o-foco-de-debate-no-mpf-em-florianopolis-sc>>. Acesso em: 28 dez. 2023.

BRIGHENTI, C. A. (2012a). Povos indígenas em Santa Catarina. In: NÖTZOLD, A. L. V.; ROSA, H. A., et al.(Org.). *Etnohistória, história indígena e educação: contribuições ao debate*. Porto Alegre: Pallotti. p. 37-65.

CORREIO DO POVO. Jovem é preso por apologia ao nazismo e disseminar ódio contra negros e judeus em Santa Catarina. Março, 2023. Disponível em: <

<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/pol%C3%ADcia/jovem-%C3%A9-presos-por-apologia-ao-nazismo-e-disseminar-%C3%B3dio-contra-negros-e-judeus-em-santa-catarina-1.1004527>>. Acesso em: 28 dez. 2023.

DE FINA, A; PERRINO, S. Transnational Identities. *Applied Sociolinguistics*, v. 34, i. 5, 2013, p. 509 - 515.

DIANGELO, R. Não basta não ser racista: sejamos antirracistas. São Paulo: Faro Editorial, 2018.

FLORES, N.; ROSA, J. Undoing appropriateness: Raciolinguistic ideologies and language diversity in education. *Harvard Educational Review*, 85, p. 149-171, 2015.

FONSECA, N. B. da. Repertório linguístico reconfigurado para lucro no caso Joel Santana. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 60, n. 2, p. 379-394, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8664055>>. Acesso em: 25 abr. 2023.

HELLER, M.; McELHINNY, B. *Language, capitalism, colonialism: toward a critical history*. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

HELLER, M.; DUCHÊNE, A. Pride and profit: Changing discourses of language, capital and nation-state. In: DUCHÊNE, Alexandre; HELLER, Monica (Eds.). *Language in late capitalism: pride and profit*. London: Routledge, p. 1-21, 2012.

Hooks, B. *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*. São Paulo: Elefante, 2021.

IGOR, R. Polícia investiga carta de ódio na UFSC contra negros, gays e feministas. *NSC Total*, novembro, 2022. Disponível em: <<https://www.nscTotal.com.br/colunistas/renato-igor/policia-investiga-carta-de-odio-na-ufsc-contra-negros-gays-feministas>>. Acesso em 28 dez. 2023.

IRVINE, J. T. Revisiting Theory and Method in Language Ideology Research. *Journal of Linguistic Anthropology*, p. 1-15, 2022.

IRVINE, J. T.; GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation. In: P. V. Kroskrity, (org.), *Regimes of language: Ideologies, politics, and identities*. Santa Fe: School of American Research Press, p. 35-84, 2000.

LAGARES, X. C. *Qual política linguística?: desafios glotopolíticos contemporâneos*. Parábola, 2018.

LEITE, Ilka B. Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade e segregação In: LEITE, Ilka. B. (Org.). *Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

MAYER, S. Por que SC foi o estado do país que mais recebeu imigrantes vindos da Venezuela. G1, Santa Catarina, 27 set, 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/09/27/por-que-sc-foi-o-estado-do-pais-que-mais-recebeu-imigrantes-vindos-da-venezuela.ghtml>> Acesso em: 28 dez. 2023.

PARK, J; S; Y; WEE, L. Nation-state, transnationalism, and language. In: CANAGARAJAH, S. The Routledge Handbook of Migration and Language. 2 Park Square, Milton Park, Abingdon, Oxon; 711 Third Avenue, New York, p. 47 - 62, 2017.

PONTES, F; AMORELLI, L. Marco temporal ameaça terra indígena em Santa Catarina. Amazônia Real. Jan, 2023. Disponível em: <<https://amazoniareal.com.br/especiais/marco-temporal-ameaca-terra-indigena-em-santa-catarina/>>. Acesso em: 28 abr. 2023.

RENK, A. A colonização do oeste catarinense: as representações dos brasileiros. Cadernos do CEOM, v.19, n.23, 2014.

SANTA CATARINA. Poder Judiciário. Santa Catarina é o Estado brasileiro recordista em registro de casos de injúria racial, 2021. Disponível em: <<https://www.tjsc.jus.br/web/imprensa/-/santa-catarina-e-o-estado-brasileiro-recordista-em-registro-de-casos-de-injuria-racial>>. Acesso em: 28 dez. 2023.

SOARES, C. G; ANDREOLA, N. J. Branquitude e representações sobre imigrantes haitianos no oeste catarinense. Temáticas, Campinas, 25, p. 85-114, 2017. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11130/6415>>. Acesso em 28 dez. 2023.

WOOLARD, K.A. Language Ideology. In: The International Encyclopedia of Linguistic Anthropology, J. Stanlaw (Ed.), 2020, p. 1 - 21. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/9781118786093.iela0217>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

Convenções de transcrição

.	(ponto final)	entonação descendente
?	(ponto de interrogação)	entonação ascendente
,	(vírgula)	entonação de continuidade

::	(dois pontos)	prolongamento do som
Olá	(sublinhado)	sílaba ou palavra enfatizada
(2,4)	(números entre parênteses)	medida de silêncio (em segundos e décimos de segundos)
(.)	(ponto entre parênteses)	micropausa, até 2/10 de segundo
()	(parênteses vazios)	segmento de fala que não pôde ser transcrito

Artigo recebido em 09/11/2023 e aceito em 23/01/2024.